

Serra não crê em choque

SÃO PAULO — Depois de algumas semanas de relativa tranquilidade, com economistas e empresários voltando atrás nas suas previsões pessimistas e afastando a hipótese de uma hiperinflação, o mercado financeiro retoma o estado de alerta diante de um provável choque econômico seguido do sempre temido — embora invariavelmente negado — calote da dívida interna. “Na prática, os juros altos que o governo está pagando induzem aos gastos dos consumidores e, ao mesmo tempo, determinam a dúvida de que o Estado continue tendo forças para segurar tais patamares, daí a fuga para ativos como ouro e dólar”, explicou o assessor econômico do presidenciável Mario Covas (PSDB), deputado José Serra. “Mas, agora, o governo não tem outra saída, outro instrumento para utilizar, a não ser essa política de juros altos. As reações do mercado financeiro são os boatos de praxe. Acredito na busca de um entendimento até as eleições e não em choque”.

Serra disse que com a política de juros altos — que levará a um aumento de 50% do déficit público, por contas desses encargos —, não existem freios para evitar que as coisas piorem. “Temo que tenhamos saudades de outubro ainda no final do ano”, disse o economista. “Por outro lado, não é bom fazer previsões ruins no curtíssimo prazo porque isso só ajuda a desestabilizar as expectativas”.

Questões como a impossibilidade de girar diariamente com juros altos uma dívida pública que terminará o ano em torno de US\$ 100 bilhões e a necessidade de alongamento do prazo de vencimento desta dívida são pontos de unanimidade nacional. “O problema é

que não dá para mexer com isso, sem mexer com instrumentos que reduzam a inflação. Não dá para convencer hoje ninguém a topar que se pague um papel, por exemplo, em três meses, quando a inflação mensal é de 35%. Por causa dessa mesma taxa não é possível acabar com a agonia de não ficar com o dinheiro na mão, o que só aumenta a procura e os juros do mercado financeiro”, explicou Serra.

E para combater a inflação, o economista acredita que só no próximo governo. “Lá na frente terão que ser usados instrumentos duros de política fiscal, monetária e regras para preços e salários. E, numa visão otimista, enfrentaremos um aperto grande por dois anos. Depois é possível retomar o crescimento. O que não dá para imaginar é que se espere do próximo governo, em dois meses, uma inflação suíça e um crescimento japonês”, ironizou Serra.

Um novo choque na economia, via congelamento de preços e salários, é hoje a única opção para se evitar a hiperinflação no curto prazo e se chegar às eleições presidenciais com taxas de inflação relativamente baixas. A opinião é da economista Clarice Pechman, em palestra na Andima, que vê nos recentes saltos do dólar no paralelo e do ouro um claro sinal de que a atual política de controle da inflação, sustentada basicamente na prática de taxas de juros elevadas, definitivamente fracassou. “O governo já vem, de longa data, se pautando apenas na utilização das taxas de juros enquanto instrumento de política monetária para controlar a inflação, o que é inviável. Uma mesa em cima de uma perna só não se sustenta, ela tomba”.